

POR QUE TANTA INDECISÃO?

LEONEL ROCHA
Da Editoria de Cidade

Decepção. Inexperiência de outras eleições. Escolha parcial dos candidatos. Programas de campanha confusos. Qualquer destas justificativas serve para explicar o alto índice de eleitores indecisos no Distrito Federal, detectados pela pesquisa realizada no período de 22 a 24 de setembro pela LPM (Levantamentos e Pesquisas de Marketing Ltda) a pedido da Multi - Consultoria e Comunicação Ltda.

Além destas explicações, o vice-presidente da LPM, Antônio Carlos da Silva, acredita que o crescimento de 20 por cento de indecisos aconteceu porque na pesquisa anterior os entrevistados certamente responderam quais os candidatos mais conhecidos e não necessariamente os nomes que votaria. Agora, com o horário gratuito no rádio e TV, a escolha ficou mais definida e ao mesmo tempo confusa.

A confusão vem acontecendo, na opinião de Antônio Carlos, porque os candidatos a uma Assembléia Nacional Constituinte estão expondo seus programas levando em conta uma cidade, como se fossem candidatos a vereadores. O eleitor também está confuso com esta dubiedade de papéis, já que Brasília e as cidades-satélites não têm eleição para Câmara de Vereadores ou Assembléia Legislativa.

CÂMARA

A explicação sobre os indecisos para a eleição da Câmara dos Deputados é mais fácil, acredita o vice-presidente da LPM. Ele justifica sua opinião afirmando que este tipo de eleição já é tradicional e muitos eleitores, apesar de estarem votando pela primeira vez, já conhecem o sistema e o papel do deputado.

Outro fator que colabora com a indecisão do eleitorado é a dispersão de partidos e candidatos (além das propostas). A isto contribuiu a aparição desastrosa de alguns nos programas eleitorais da televisão, observa Antônio Carlos, comentando que um eleitor que pensava ter escolhido um determinado nome desistiu do voto.

SENADO

Para o Senado Federal, Antônio Carlos encontra explicações mais facilmente. A primeira delas é de que no Distrito Federal nunca houve eleição para Governador e a campanha de Senador é como se fosse a substituição da síntese que é a eleição

majoritária de um Estado. Uma espécie de simulação.

Existem dois tipos de indecisos no Distrito Federal, contingentes proporcionalmente iguais, acredita o vice-presidente da LPM. Um deles é o indeciso atento. Aquele que ainda não sabe em quem votar mas acompanha atentamente a campanha, avaliando as propostas. E o desinteressado atento. O outro é aquele que está mais preocupado com a desclassificação do time do Sobradinho ou com a carne ou outro assunto qualquer, observa Antônio Carlos. Este não está acompanhando a campanha.

Existe, na opinião de Antônio Carlos, uma terceira "espécie" de indeciso: aque-

le que sabe em que candidato votar mas ainda não "fechou" com todos os nomes e prefere responder às pesquisas como indeciso. Um exemplo é o eleitor que escolheu um senador e terá que se definir pelos outros dois. Outro exemplo é de quem pensa em votar num deputado mas não tem candidato ao Senado ou vice-versa. Alguns desses eleitores só se definirão na hora de colocar o voto na urna.

Uma outra parcela, a dos indecisos crônicos, o vice-presidente da LPM afirma, categoricamente (como um conhecimento empírico) que será de 5 a 10 por cento do eleitorado. Muitos candidatos se elegem com o voto destes crônicos que ao receberem um "santinho" na saída de casa se define. Além destes, deve-se levar em conta os que, por tanta indecisão, terminam votando nulo ou em branco.

REDUÇÃO

Na previsão de Antônio Carlos da Silva, dentro dos próximos 15 ou 20 dias, o índice de 55 por cento de indecisos deve reduzir significativamente. Ele citou o exemplo das últimas eleições para a Prefeitura de São Paulo, onde o índice de indecisos dois dias antes da votação era de 5 por cento. Esta taxa mínima sempre existirá.

Para a tranquilidade dos candidatos que nesta última pesquisa ficaram na frente, uma previsão esperançosa do vice-presidente da LPM. Eles dificilmente irão cair na preferência do eleitor. Mesmo com a guerra que vai se travar, agora, pelos votos de quem ainda não tem candidato. As pequenas variações não vão alterar muito o quadro atual, porque a tendência de muita gente que ainda não escolheu o candidato é decidir pelo mais forte.

Agredir para ganhar

Você ainda não escolheu candidato? Então, prepare-se: a guerra pelo seu voto será dramática. Não se assuste se, quando estiver diante da televisão ou com o rádio ligado durante os programas eleitorais, um determinado candidato de repente fizer um apelo "a você amigo eleitor indeciso", numa mistura de tentativa de esclarecimento e última cantada para conquistá-lo.

Afinal, você faz parte dos 55 por cento de desinteressados, confusos, deceptacionados e dos que ainda não compreenderam os complicados programas mostrados até hoje pelos candidatos à Câmara dos Deputados e ao Senado Federal.

Caso a sua indecisão não seja tão segura, certamente uma boa conversa ou um bom pronunciamento no rádio ou na TV pode pinçá-lo deste grande contingen-

te de 55 por cento. Mas se você for daqueles que dificilmente abandona sua posição de "não saber em quem votar", pode preparar tempo, porque os candidatos irão usá-lo, alugá-lo ou tentar comprar dois minutinhos preciosos do seu dia para tentar tirá-lo de cima do muro, junto com os 45 por cento dos eleitores que já decidiram em quem votar.

Muitos candidatos chegarão a dizer que "o importante não é o voto nele, mas é o voto em alguém". Estas e outras milhares de formas serão usadas pelos candidatos (todos) na reta final da campanha. Afinal, 55 por cento de um eleitorado que não sabe se vota para a Assembléia Nacional Constituinte ou para tapar o buraco de sua quadra não podem ser desprezados. De agora em diante, agressividade na campanha será a palavra de ordem.